

pensamento grego, por um lado, e, pelo outro, é como uma ponte dirigida no sentido do pensamento oriental.

V. H. — Reconheço a existência dessa ruptura que nos patenteia hoje toda uma problemática ligada aos conceitos de «figurativo e do abstracto, do consciente e do inconsciente», e na qual o senhor interveio com tanta eficácia, marcando uma posição verdadeiramente revolucionária, comparável à de Heisenberg nas ciências exactas e à de Husserl na filosofia. Mas para volver ao meu problema anterior, o senhor, tal como Husserl, encara o fenómeno, o autêntico ... O que eu procuro, em relação com o que descobri em Nova Iorque ao observar e apreciar as obras da pintura actual, não é a morte do homem, como a encararia Michel Foucault, mas sim coisa bem diversa. O ser humano não irá perder-se nesta reintegração, mas, sim, transformar-se num cérebro do Mundo.

G. M. — Será um deus ...

V. H. — Não exactamente. Penso que dentro de dois ou três mil anos, mesmo que não logre do Mundo uma compreensão total — isso seria imoral, como afirma Genseth — o homem poderá contudo compreender infinitamente melhor as suas relações com o cosmos, e poderá, inclusive, intervir conscientemente na evolução do seu próprio destino. Tratar-se-ia simultaneamente de uma antropomorfização da Natureza, como o pressagiu Van Gogh. À medida que o homem for conhecendo a matéria, esta irá também conhecendo o homem. Será como que uma infinda tarefa de interpenetração, uma luta antientrópica, para que o homem, conhecedor das forças da Natureza, possa impedir a queda na última fase da entropia que seria a morte do Universo. Ora penso que precisamente a função do ser humano é a de opor-se à entropia. Julgo também que o primeiro pintor que teve a visão apocalíptica desta reintegração redentora foi El Greco. No seu quadro *A Visão de São João*, as formas humanas misturam-se com o ambiente e este com as formas humanas. Há interpenetração, como se o todo obedecesse às mesmas regras e leis, vida e matéria. O homem-cérebro, o homem pós-renascentista ou pós-humanista, é quem procede a essa operação, tão presente na arte abstracta, de integrar um conhecimento universal e não apenas humano (o humanismo sartriano é limitado porque não concebe esta ensanchar para o todo). Desta maneira, o cérebro universal influiria no grande corpo universal, da mesma forma que um cérebro individual influi na evolução de uma pessoa e do seu destino. Não se trata de o homem se tornar Deus, mas sim e apenas aliado de Deus.

G. M. — É evidente que o homem se prepara para agir. O problema está em saber ou prever se o fará de forma sábia ou demen-

cial. Estive a conversar a noite passada com um matemático sobre o problema dos computadores. Desse aspecto, há algo de muito grave em jogo. Do modo como as máquinas forem informadas dependerá a sua resposta, evidentemente, mas o problema exacto é o de saber se numa sociedade de amanhã, controlada pelos computadores, o artista terá ainda uma palavra para dizer. Para quê, um artista, se a máquina puder realizar obras de arte e inclusivamente apreciá-las e criticá-las? O cibernético, no sentido autêntico do termo, pois cibernismo quer dizer «arte de governar», ainda não foi desenvolvido como deverá sê-lo, e não pode portanto ainda falar-se de uma arte mecânica de governar, lógica e justa. Creio que ninguém até hoje pôs o problema desta maneira.

V. H. — Talvez Platão.

G. M. — Porém, com que resultados?

V. H. — Não muito felizes, pois que o seu próprio discípulo, o mais estimado e culto, o traiu em Siracusa, o que constituiu o maior drama de Platão. Dião historicizou-se como diria Croce. Em lugar de orientar-se pelos princípios de *A República* e de promover uma nova sociedade, mais ou menos perfeita, integrou-se no antigo eito da tirania no preciso momento em que conquistou o poder. É o tema do meu romance *A Sétima Carta*. E acabou por fazer-se assassinar pelos seus amigos, no fundo tão mediocres como ele.

G. M. — É algo que ultrapassa a minha capacidade de compreensão. Não creio em fórmula alguma ou em programas políticos. O urgente é iniciar uma acção moral. Neste particular há que reconhecer que a aventura literária, artística e musical se tornou subitamente prodigiosa, pois tudo está por fazer em bases totalmente novas. O verdadeiro drama do nosso tempo é que todos os mitos — possivelmente o da própria arte, e nisso dou-lhe inteira razão — se desvaneceram, e foi a ciência que o provocou com Einstein, Planck, etc. A morte do princípio da causalidade implicou a morte de uma lógica, e sem uma nova lógica não é possível viver-se. A que recorreremos? Quais poderiam ser os novos valores? E, concretamente, o que é um valor? Creio dever ser algo baseado numa experiência anterior, e hoje poderemos talvez afirmar que quase não há já anterioridade. Por essa razão, já não haverá também valores. Consequentemente, o único mito possível, dado que todas as ideologias e religiões falharam, é o mito da técnica, baseado no futuro, e que exclui totalmente o conceito de valor. Eis como nos situamos nos limites últimos do desespero, pois perdemos os valores de ontem e não estamos suficientemente avançados em relação ao futuro para estabelecermos desde já uma escala de valores novos.